



QUE COMECEM OS JOGOS! A BATALHA (GEO)CARTOGRÁFICA COMO ARTEFATO DIDÁTICO- PEDAGÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Manuela Evangelista da Silva¹

Eixo – Educação, Práticas Pedagógicas Inovadoras e (Com)temporaneidade

Resumo

A Cartografia é uma ciência que atrelada ao ensino de Geografia constrói e potencializa o raciocínio geográfico através dos artefatos didático-pedagógicos por ela fornecidos. Assim, estes escritos intencionam apresentar as experiências formativas vivenciadas no âmbito do estágio profissional pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual de Bandiaçu, distrito de Bandiaçu, município de Conceição do Coité, Território de Identidade do Sisal, estado da Bahia. A prática pedagógica evidenciada é a batalha (geo)cartográfica, construída com o intuito de problematizar a compreensão e a aprendizagem do conteúdo sobre o sistema de coordenadas geográficas – latitude e longitude –, o qual é considerado pelos alunos como um conceito abstrato, por se tratar do estudo de linhas imaginárias. A utilização deste jogo potencializou a aprendizagem dos alunos ao dinamizar e promover uma maior interação na sala de aula e, permitir a compreensão desta localização dos pontos através da junção das letras e números, os quais correspondem respectivamente à longitude e latitude.

Palavras-chave: Cartografia. Ensino de Geografia. Batalha (geo)cartográfica.

Aperte o play! Notas introdutórias

A Cartografia é uma ciência que está atrelada à Geografia, principalmente, no que tange à produção de artefatos que permitem o mapeamento, a análise e uma autonomia no espaço geográfico. Neste sentido, a que se considerar a Cartografia não somente enquanto conteúdo, mas como uma linguagem, “por ser uma forma de representar análises geográficas, por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos [...]” (CAVALCANTI, 2002, p. 39) em diversas escalas.

No ambiente escolar, a Cartografia é um procedimento metodológico, conteúdo curricular e uma linguagem, permitindo por parte do aluno a “apropriação do espaço habitado a partir de noções de localização, lateralidade, abstração e compreensão dos fenômenos que

¹ Licenciada em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB / Campus XI). Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de Geografia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Membro do grupo de Pesquisa Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores – Geo(BIO)grafar. Email: manuelaevangelista9@gmail.com.

ocorrem nas distintas escalas” (SILVA *et al* 2016, p. 63), potencializando a formação do sujeito e a construção de uma leitura de mundo que o permita maior autonomia.

Faz-se necessário uma apropriação dos artefatos didático-pedagógicos fornecidos pela Cartografia, a fim de construir um raciocínio geográfico, cujo percurso esteja atrelado a uma educação (geo)cartográfica, desde o início do processo de escolarização do aluno, permitindo uma formação autônoma e fornecendo as bases para uma compreensão mais global e crítica do espaço geográfico. (SILVA *et al* 2016)

É importante que sejam construídos no transcurso da formação escolar do sujeito noções básicas de localização, associadas à lateralidade e a identificação de pontos no espaço por meio de coordenadas geográficas. Portanto, a Geografia deve possibilitar ao aluno, no contexto da sala de aula, as bases para a compreensão dos fatos e fenômenos geográficos enquanto interação da ação do ser humano, mediante o trabalho, as técnicas e tecnologias construídas ao longo da história. (CALLAI, 2002)

Diante dessa premissa, é que este escrito objetiva apresentar as experiências formativas no âmbito da docência, enquanto estagiária pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL). A prática pedagógica cujas vivências são narradas e refletidas neste trabalho está ancorada na apropriação metodológica da ciência cartográfica, através da construção de uma batalha (geo)cartográfica², tendo sido desenvolvida em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual de Bandiaçu, localizado no distrito de Bandiaçu, município de Conceição do Coité, Território de Identidade do Sisal, estado da Bahia.

Conforme as proposições de Lima (*et al*, 2016) pode-se evidenciar o potencial da linguagem cartográfica para a construção de uma leitura de mundo crítica pelo aluno, sendo permeada pelos símbolos, signos e significados dos elementos cartográficos. Por isso, a apropriação pedagógica da batalha (geo)cartográfica, enquanto dispositivo didático-pedagógico no ensino de Geografia, teve por objetivo auxiliar e potencializar as aprendizagens do sistema de coordenadas – latitude e longitude –.

Percurso metodológico: ação-reflexão-ação

A metodologia utilizada para a construção da prática em questão é de cunho qualitativo por assegurar que esta seja uma trajetória cuja ação se configura enquanto uma intervenção no processo de construção de uma aprendizagem significativa no contexto da sala de aula. Anterior à realização do jogo foram ministradas 6 horas/aula no intuito de abordar as

² Esta atividade é uma recriação do jogo Batalha Naval, utilizado em programas para o público infante-juvenil, dada as inúmeras possibilidades de dinamicidade através deste, tendo sido apropriado com um cunho pedagógico.

(trans)formações no espaço geográfico, tendo como dispositivo didático-pedagógico a utilização de imagens da Praça da Matriz da cidade de Conceição do Coité, a fim de analisar como as atividades econômicas e o crescimento urbano se configuraram no decorrer das últimas décadas.

Além disso, foram realizadas algumas aulas no pátio do colégio para identificar possíveis noções de lateralidade e orientação no espaço pelos alunos. Nesta atividade, notou-se que, a maioria dos alunos possuía dificuldade para se localizar utilizando os pontos cardeais e colaterais, fato que influenciou na compreensão do sistema de coordenadas geográficas – latitude e longitude –.

As práticas anteriores foram diagnósticas e nortearam a intervenção pedagógica a partir da batalha (geo)cartográfica. Este jogo foi construído em uma placa de isopor, no qual as linhas horizontais (paralelos) e as linhas verticais (meridianos) foram construídas com o auxílio de um piloto marcador de papel. As fichas foram recortadas em formato de cubo em E.V.A (emborrachado) azul e afixadas no isopor com alfinetes coloridos.

Nestas fichas foram coladas, após impressão, imagens de bombas, pequenas embarcações e navios; sendo que cada vez que uma bomba fosse encontrada o grupo não pontuava, as pequenas embarcações valiam 10 pontos e os navios 20 pontos. Para a realização do jogo, a turma foi dividida em dois grupos, explicando aos alunos o objetivo da atividade e que as letras que representavam a longitude e, os números, a latitude deveriam ser unidos para formar um ponto que abriria uma das fichas.

Venceria o grupo que mais pontuasse, no entanto, a avaliação da atividade contemplaria, também, a cooperação entre os participantes, buscando integrar os membros na atividade desenvolvida, cabendo ao líder de cada grupo contornar possíveis situações de desentendimento, permitindo com que todos jogassem.

Discussão e resultados: a batalha (geo)cartográfica no ensino do sistema de coordenadas

O espaço geográfico é dinâmico e interativo, ao materializar a interação sociedade e natureza, à medida que, é (trans)formado diariamente. Portanto, “o espaço é histórico-social, resultado do processo cumulativo do modo como cada sociedade, em determinado tempo histórico, imprime suas marcas [...]” (PORTUGAL; SILVA; LIMA, 2016, p. 87), permitindo que estas ações constituam de modo particular, a identidade cultural, de cada sujeito, a partir do lugar que lhe é próprio.

Desse modo, “[...] o aluno deve ser capaz de compreender as relações estabelecidas entre o homem, enquanto indivíduo e ser social, e a natureza, se concebendo, também, como

um agente transformador desse espaço.” (BARROS; LIMA; PORTUGAL, 2016, p. 34) No entanto, para que estas competências e habilidades sejam construídas é imprescindível a mediação por parte do professor, no intuito de possibilitar noções espaciais (alfabetização cartográfica) que garantam a autonomia de um sujeito que modifica seu espaço de vivência, através dos conhecimentos, saberes e noções cartográficas de que dispõe.

É imprescindível que a prática pedagógica do professor no ensino de Geografia esteja aliada a construção do raciocínio geográfico e da consciência espacial, através da apropriação de artefatos didático-pedagógicos que norteiem este processo. Sendo a abordagem dos saberes cartográficos no âmbito da Geografia o componente curricular e na escola que melhor permite a articulação entre os conteúdos e a vida cotidiana, através de recursos lúdico-interativos (PINHEIRO; SANTOS; RIBEIRO FILHO, 2013), é que foi utilizada a batalha (geo)cartográfica, enquanto um jogo que possibilitou a compreensão do conteúdo sobre sistema de coordenadas geográficas – latitude e longitude –.

Conforme a compreensão de Moura; Oliveira; Matos (2015, p. 2), “a utilização de jogos adaptados à compreensão de conteúdos complexos”, a exemplo das coordenadas geográficas, já que, tratamos de linhas imaginárias, “[...] contribui de forma a dinamizar e facilitar a identificação” e abstração dos conceitos trabalhados na sala de aula, auxiliando nas noções de localização por meio dos pontos indicados no jogo.

Ainda, segundo estes autores, “o jogo foi adaptado especificamente para atender a necessidade de trabalhar com os alunos o sistema de coordenadas geográficas” (MOURA; OLIVEIRA; MATOS, 2015, p. 2), permitindo que os sujeitos tenham autonomia ao identificar os pontos no jogo, construindo um raciocínio geográfico e consciência espacial que, através dos símbolos, signos e seus significados retratados através da representação de pequenas embarcações e navios correlacionam a importância do sistema de coordenadas geográficas, cuja apreensão possibilita a aprendizagem necessária para ler o mundo em que vivem.

Game Over! Considerações finais

Os jogos são vistos de forma negativa, em algumas situações, por promoverem uma competição exagerada. No entanto, a intenção pedagógica apresentada desde o início da explicação da atividade fez com que os alunos exercessem não somente a autonomia na construção da aprendizagem, evidenciando uma cooperação e um espírito de trabalho em grupo, quando debatiam e criavam estratégias para que a junção das coordenadas possibilitasse com maior exatidão o encontro dos símbolos com maior pontuação.

Portanto, fica evidente o quanto a utilização de jogos no ensino de Geografia, enquanto artefatos didático-pedagógicos auxiliam as aprendizagens, dinamizam as aulas e permitem ao aluno conceber a Cartografia a partir de suas práticas cotidianas e não como uma ciência estática somente atrelada à produção de mapas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Alana Cerqueira de Oliveira; LIMA, Maristela Rocha; PORTUGAL, Jussara Fraga. **A linguagem cartográfica no ensino de Geografia:** uma experiência de formação no contexto do PIBID. In: ANAIS DO VII FÓRUM NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 2016, Caldas Novas. *Anais...* Caldas Novas, 2016. p. 33-38.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para estudar o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia, práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2002. p. 83-134.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

LIMA, Naiara da Silva; OLIVEIRA, Gilcélia Silva de; ARAÚJO, Maria Madalena Mota de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **A Cartografia na sala de aula:** experiência no PIBID no Sertão do Sisal. In: ANAIS DO VII FÓRUM NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 2016, Caldas Novas. *Anais...* Caldas Novas, 2016. p. 71-78.

MOURA, Jefferson Aparecido Martins de; OLIVEIRA, Maria Dione do Nascimento; MATOS, Gisele Alves de. Batalha naval: o lúdico no ensino e aprendizagem do sistema de coordenadas geográficas no primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Argelce Carvalho Santos da Mota em Pirapora-MG. In: ANAIS DO 9º FEPEG – FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E GESTÃO, 2015, Montes Claros. *Anais...* Centro Universitário Professor Darcy Ribeiro, Montes Claros, 2015. p. 1-4.

PINHEIRO, Igor de Araújo; SANTOS, Valéria de Sousa; RIBEIRO FILHO, Francisco Gomes. **Brincar de Geografia:** o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. Revista Equador (UFPI), vol. 2, nº 2, jul/dez, 2013. p. 25-41.

PORTUGAL, Jussara Fraga; SILVA, Manuela Evangelista da; LIMA, Maristela Rocha. O PIBID de Geografia no Sertão do Sisal: cartografia escolar, práticas de formação e aprendizagens geográficas. In: HAGE, Maria do Socorro Castro (Org.). **PIBID:** experiências inovadoras do diálogo entre a universidade e a educação básica. Curitiba: CRV, 2016. p. 87-102.

SILVA, Manuela Evangelista da; JESUS, Vanessa Lima de; LIMA, Maristela Rocha; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Ensinar e aprender Cartografia:** a educação cartográfica no cotidiano escolar. In: ANAIS DO VII FÓRUM NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA, 2016, Caldas Novas. *Anais...* Caldas Novas, 2016. p. 61-68.